

FALEMOS DE CASAS: CONCURSOS









CONCURSO UNIVERSIDADES: COVA DA MOURA

Chegar à Cova da Moura foi uma enorme surpresa. Eu tinha uma ideia da Cova da Moura fabricada por informação de outras vias, achava que sabia o que era. Na verdade, a minha maior surpresa, à chegada, foi descobrir um bairro que era uma espécie de cidade consolidada, ao contrário da gigantesca periferia que existia à volta. Essa impressão de cidade consolidada, dada pela densidade urbana, parecia transmitir-se à população. E essa foi uma primeira impressão de choque. A Cova da Moura é um lugar, muito ao contrário daquelas não-identidades que estão em torno. Principalmente, assustou-me a ideia de que lugares como este são ameaçados pela troca pelos outros. Olhando para aquela realidade, que é muito forte, percebemos que ela não é substituível por outra. É uma realidade cujos valores encontramos muitas vezes nos centros da cidade, pelos valores que se vão acumulando. Claro que é um bairro que tem problemas, que tem aspectos que precisam de ser melhorados, que possui imensas fragilidades mas que tem também, para lá dos problemas, outros valores que necessitamos de acarinhar – o maior dos quais talvez seja o valor da acumulação dos esforços que foram feitos para o construir. Há ali uma ideia de que as coisas foram sendo transformadas, somadas, montadas, e o resultado é este somatório que acaba sempre por se ir seleccionando, fazendo um território mais rico.

E foi a minha primeira impressão, muito forte. Ao chegar, percebemos: isto é um bairro, e esta percepção representa um valor gigantesco. Quando se olha à volta, percebe-se claramente que a unidade se perde, nas urbanizações em torno, que um dia serão substituídas. Não é como a Cova da Moura que é um organismo que poderá deixar-se crescer e continuar.

(...)

Creio que, no sentido do desenho ou plano da arquitectura, este bairro é uma grande lição pela maneira como se desenha. Obviamente, não se desenha da forma canónica: fazer um plano, seguir um traçado. Desenha-se pela ideia da vida que é uma ideia muito mais rica. É autoconstruído e tem coisas muito divertidas: as pessoas juntam-se para irem fazendo as casas e até algum espaço público – e isso é muito rico em si. Desenha-se em função dessa ideia de vida, e as pessoas vão desenhando a partir de valores que são muito mais reais do que os normativos, que têm a ver com o seu tamanho, a maneira como se podem movimentar, as suas necessidades. Esta maneira de desenhar a partir

da vida, na minha opinião, tem que ser uma lição para nós, arquitectos, e tem que ser também uma lição para a normativa. Nós sabemos isso. Se fizermos um paralelo com a cidade histórica, também sabemos que não está normalizada e começamos a perceber que a cidade fragilizada tem imensas dificuldades, ao contrário da cidade que, de alguma maneira, deixa uma margem de liberdade e uma margem de possibilidades à própria população de se encontrar e de crescer nela. É evidente que, naquele lugar, estamos a falar de uma possibilidade muito mais directa que é a da autoconstrução, ou seja, das pessoas participarem fisicamente; noutros sítios, trata-se da possibilidade de ir construindo por meios não directos. Tal como no centro de Lisboa, sempre se construiu por meios não directos, mas o processo é semelhante: foi-se construindo para suprir necessidades. No fundo, o que se passa na Cova da Moura é que o espaço público que é determinante acaba por ser um espaço que se torna – e ali nós sentimos-lo – precioso. É um espaço de encontro, e sentimos que está verdadeiramente ligado a coisas que são muito reais. Percebe-se, assim, a maneira como as pessoas desenham ou vão construindo em torno e que é o eixo em torno desta construção que acaba por amparar ruas, praças, pequenas passagens, coisas com diversas escalas, que acabam por ganhar uma realidade que não encontramos na frieza do plano – como quando, por exemplo, se determina uma alameda. Na ideia de normativa, as pessoas são frequentemente excluídas, o que resulta em qualquer coisa de frio, não é verdade? Os homens não têm todos a mesma altura, nem necessitam todos da mesma altura. Nem sequer está estabelecido que ter uma casa com uma altura mínima e máxima define a casa mais simpática do mundo ou como as portas têm que ser. A vida não é muito simpática se for toda normalizada, e as pessoas não gostam sequer desta ideia de seriação, de viver em blocos iguais aos blocos dos outros, em casas iguais às casas dos outros. Esta necessidade de as pessoas se diferenciarem, de definirem o seu território e de nele introduzirem uma carga pessoal e emocional é uma grande lição. Olhar para um bairro que diz “isto foi uma escolha” é uma grande lição; vermos um bairro que é orgulhoso de si, um bairro que diz “nós somos da Cova da Moura, não somos dali, somos daqui!” – como dirá, por exemplo, também um habitante de Veneza: “Eu não sou de terra firme, sou da ilha”, com uma espécie de ‘snoberia’ que a Cova da Moura também tem. Esta ideia de pertença compreende-se porque as pessoas construíram ali uma identidade colectiva, mas também o somatório de identidades individuais que são importantes. Por isso, acho que devemos retirar uma lição daquele bairro. No fundo, estou a dizer que não se pode adoptar um lado paternalista para fazer um grande plano para aquele bairro, o que é, em si, uma ideia muito assustadora. Temos de ir perguntar àquele bairro de que é que ele necessita – porque há-de necessitar de infra-estruturas de serviços, de consolidação, de investimento público, tal como todos os outros. Precisa de praças, ruas, que fazem sempre parte do investimento público de qualquer zona. Portanto, temos de ir lá perguntar de que é que necessitam e apoiar ou consolidar um sistema. O que é curioso é que este bairro, que tem um sentido quase de bairro histórico, é um bairro muito recente, porque nasceu da localização de uma família e foi crescendo, crescendo até ganhar uma densidade enorme. Os problemas que se põem hoje ao bairro existem igualmente em cidades antigas, com história. Estamos perante uma zona que, de repente, corre o risco de se ‘turistizar’. Ora, este é um problema que se põe para Veneza, para Barcelona, para comunidades que deixam de ter uma vida real e passam a ter uma espécie de vida artificial à volta do turismo. Na Cova da Moura, começa a colocar-se

este mesmo problema. Isto é um fenómeno muito curioso para uma periferia de uma cidade, que é suposto ser um bairro perigoso com uma curta história de poucas dezenas de anos, e é muito interessante que alguns dos problemas que se colocam sejam aqueles de que se fala em relação às grandes capitais do turismo global, embora a uma micro-escala. Basta ver o número de cabeleireiros e de restaurantes para percebermos que estas actividades não servem só o bairro. Percebemos que aquela é uma zona com uma capacidade de atracção, é um novo centro que resulta num fenómeno que me interessa enquanto fenómeno para aprender porque há ali um fazer de cidade acelerado. E esse é um aspecto muito forte e com um sentido de urbanidade que não estava à espera de encontrar na periferia. Estamos muito habituados a encontrar a relação do centro da cidade com a periferia pensando que o centro da cidade, o espaço determinante, é o espaço público que parece talhado numa massa. Quando olhamos para o Castelo ou para Alfama, temos a impressão de que os espaços, as ruas, são espaços retirados da massa construída e, portanto, a verdadeira densidade, aquilo que é verdadeiramente desenhado na nossa cabeça é o espaço público. Depois, passamos para a periferia onde se constroem grandes edifícios, e o espaço é só o espaço-entre-edifícios; o que se desenha, na verdade, são os edifícios e, depois, o espaço é o remanescente. É o espaço resultante entre edifícios, não existe a ideia de confinar, de fazer esse espaço como o negativo. O que existe são coisas positivas no meio de uma imensidão. Ali, nós temos a sensação de que o espaço é negativo no meio de uma massa construída. Creio que esta é a grande diferença entre centro da cidade e periferia, do centro das cidades históricas (como Lisboa) para a periferia. E o que se encontra de repente naquela periferia é o retomar da ideia de centro. Tudo aquilo parece uma massa construída em que os espaços às várias escalas, os pequenos percursos, as praças, as ruas, as ladeiras, também parecem todas escavadas. É, portanto, uma inversão muito forte sobre a qual vale a pena aprender.

(...)

Mas o balanço da intervenção do arquitecto, enquanto autor neste lugar, diria que é igual às contingências da intervenção na cidade histórica. Quando intervimos na cidade histórica, também seleccionamos os valores que nos interessam, os que consideramos que devem prevalecer e os que devem ser substituídos. Aqui, é a mesma coisa. Temos que intervir enquanto arquitectos, não vamos intervir só à procura do que lá está; temos que intervir enquanto autores com a liberdade com que intervimos em qualquer outro lugar. É evidente que, tal como em qualquer outro lugar, nós sabemos que há valores que fazem parte daquele sítio, que nos podem interessar para o nosso trabalho, mas a selecção é feita exactamente da mesma maneira. O que é interessante naquele território, e isso é talvez o mais importante, é a intervenção que não pode ser uma intervenção global. Globalmente, têm que ser criadas condições de intervenção e, depois, a intervenção é...

(...)

... cirúrgica, caso a caso. Se pensarmos num paralelo com Alfama, nenhum arquitecto poderia pensar que a vai refazer, seria completamente absurdo. Pode haver equipas que digam que vão tratar do espaço público de Alfama, uns tratam das ruas e, de repente, eu posso interessar-me numa casinha, num andar, numa água-furtada, num prédio, num convento, a escala é irrelevante, mas serão sempre coisas pontuais. Aqui, imagino exactamente o mesmo. Imagino que haja planos que nos digam como é que aquele lugar pode voltar a funcionar melhor, com as infra-estruturas e o espaço público, e depois haja intervenções de

arquitecto ou autoconstrução, que é um processo ali completamente legitimado. Mas as intervenções mantêm-se pontuais: é esta casa e esta adição de momentos que acho que é exactamente o que temos no centro da cidade. Esta ideia de respeitar a génese de um lugar é talvez o posicionamento mais sério. Muitas vezes, estas intervenções nas zonas deprimidas são feitas já de uma forma deprimida, como se fosse inevitável uma espécie de mimetismo. São feitas de uma forma já deprimida para parecer que são deprimidas também, e o que acontece de interessante nesses lugares é que, se começamos a construir coisas que, naturalmente, criem upgrades, o lugar vai ganhando esses upgrades de que também necessita para viver. Portanto, há aqui muitas estratégias a usar, mas parece-me que a estratégia de denominador comum é a montagem de possibilidades

(...)

Acho que este pode ser um modelo sobre o qual vamos ter que pensar porque todos os modelos que aprendemos, ou que foram implantados nos últimos anos, sabemos hoje que são, em parte, desadequados. Quando dizíamos que se estende a cidade porque ela ganha e hoje dizemos que a cidade tem que se compactar, que a cidade tem que se funcionalizar e, de repente, percebemos que funcionalizámos em coisas que já não estamos interessados em funcionalizar, quando achávamos que a cidade tinha que ser normalizada e hoje percebemos que não pode ser normalizada, é clara a necessidade de reinvenção de modelos. Hoje, percebemos que os modelos de cidade têm que ser pensados a partir da própria cidade. Estudar esses mundos confinados pode ser muito rico. O mais interessante neste concurso foi reconhecer que não sabemos como se actua. Vamos descobrir, partilhar e discutir essas descobertas. Principalmente, discutir o que cada um de nós vai encontrar nas respostas.

A Lição de Desenho (entrevista de Delfim Sardo a Manuel Aires Mateus) in catálogo Falemos de Casas: Concursos, Trienal de Arquitectura de Lisboa



© Susan Meisler

JÚRI

Manuel Aires Mateus (Presidente)

Augusto Mateus

Diogo Seixas Lopes

Inês Norton de Matos

Lieve Meersschaert

1º LUGAR

ALEXANDRE VICENTE

MARIA MACEDO

NUNO SEGURA

TIAGO PEREIRA

Universidade Autónoma de Lisboa

Coordenação: Pedro Campos Costa

Situada nos arredores de Lisboa, a Cova da Moura caracteriza-se pela morfologia de carácter orgânico, típica dos aglomerados urbanos de fundação vernacular. O bairro é uma casa de todos, em que as vias são extensão das próprias habitações e espaço comum a todas elas.

Aqui, as vias são mais que acessos, são palco da expressão social, geradoras da identidade, dos laços sociais, da sensação de segurança e bem-estar.

Assim surge a ideia de transição associada ao carácter ambivalente destes espaços urbanos, comparação possível com alguns espaços de uma casa.

Transição e sobreposição de práticas e identidades em cada um destes espaços.

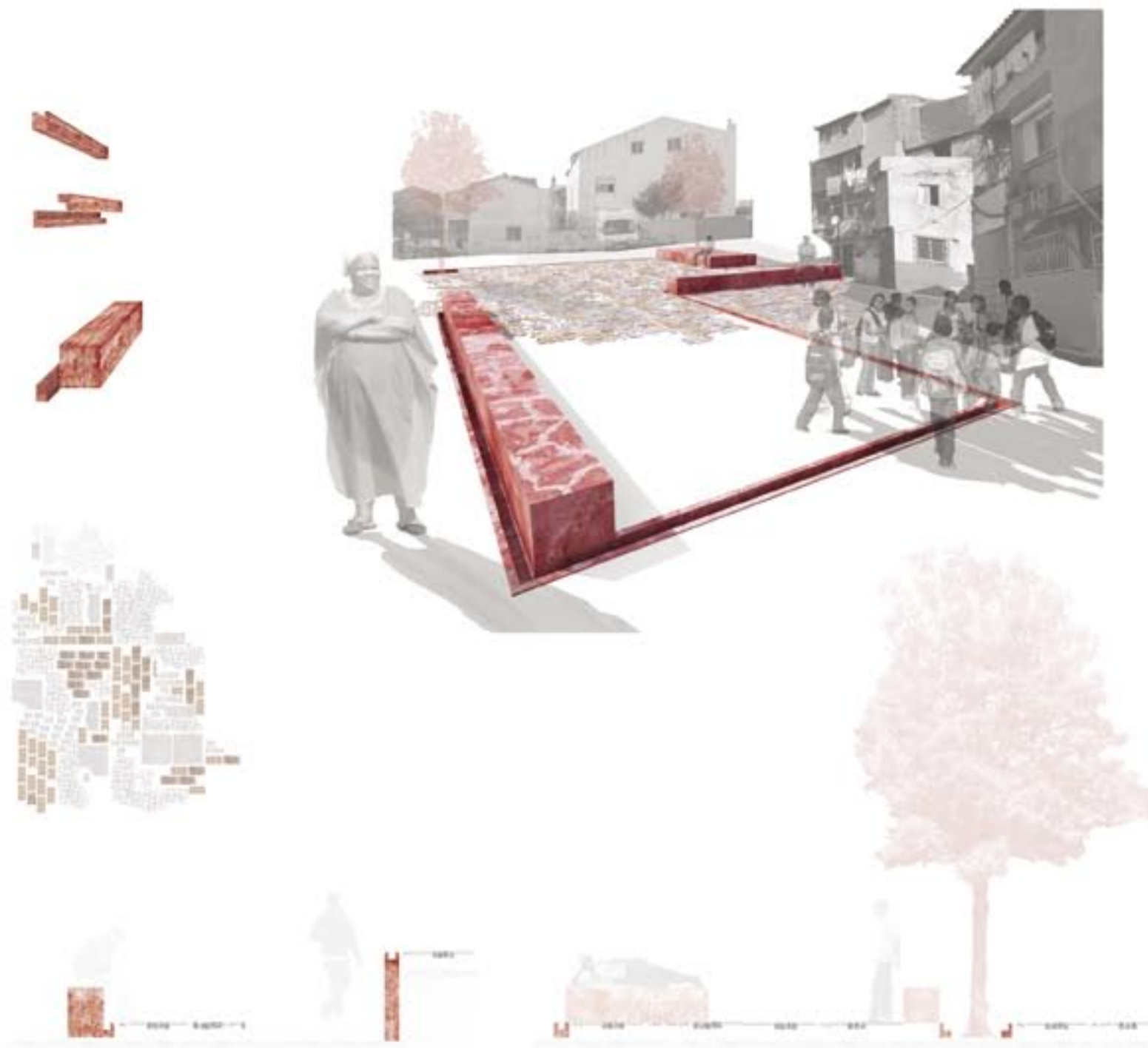
Escolhe-se para intervir os vazios associados à ausência de edificado ou resultantes do simples encontro de vias existentes, coincidentes com três elementos estruturantes: património, equipamentos públicos e entradas no bairro. Pretende-se qualificá-los, caracterizando-os através do desenho como espaços de carácter ambivalente, sem diluição das identidades e reafirmando o sentido ritual das práticas existentes.

O desenho de cada espaço nasce de uma linha que o identifica e nomeia, estabelece a fronteira e contém o próprio espaço urbano.

Transforma-se em peças onde se senta, joga ou nasce uma árvore. É vazada para receber águas pluviais, ou cresce para definir cotas e conter o terreno. É definida por um único material associado a uma cor, betão com pigmento vermelho.

Actua-se de dois modos: um, financiado de modo externo, a linha que cria uma unidade identitária e referencial no bairro; outro, de autoconstrução, aludindo ao histórico de entreatajuda, bem como aos materiais presentes na construção local – tijolo, betão, pedra, calçada, betuminoso.

Propõe-se, assim, que quem percorra a Cova da Moura tropece nestas práticas, nestes espaços, nesta linha.



MENÇÃO HONROSA

ANA MARTINS
CAROLINA VEIGA
LUÍS ARAÚJO
LUÍS FREITAS
MADALENA LEMOS
MARIA JARDIM
PEDRO MENEZES
VANESSA MATOS

Universidade Técnica de Lisboa / Instituto Superior Técnico

Coordenação: Francisco Teixeira Bastos | António Barreiros Ferreira

Os bairros da Cova da Moura, Damaia e Buraca têm em comum o isolamento e a exclusão (social e urbana) entre si e os restantes tecidos urbanos. Consequentemente, foram identificados dois eixos estruturais que permitem estabelecer ligações entre estes bairros, facilitando uma maior permeabilidade entre as malhas urbanas e suas centralidades (concentração de equipamentos urbanos importantes).

Ao longo destes, são propostas intervenções pontuais que poderão vir a ser utilizadas tanto pela Cova da Moura como pelos outros bairros, aproveitando

as sinergias e as características urbanas, culturais, sociais e étnicas de cada um.

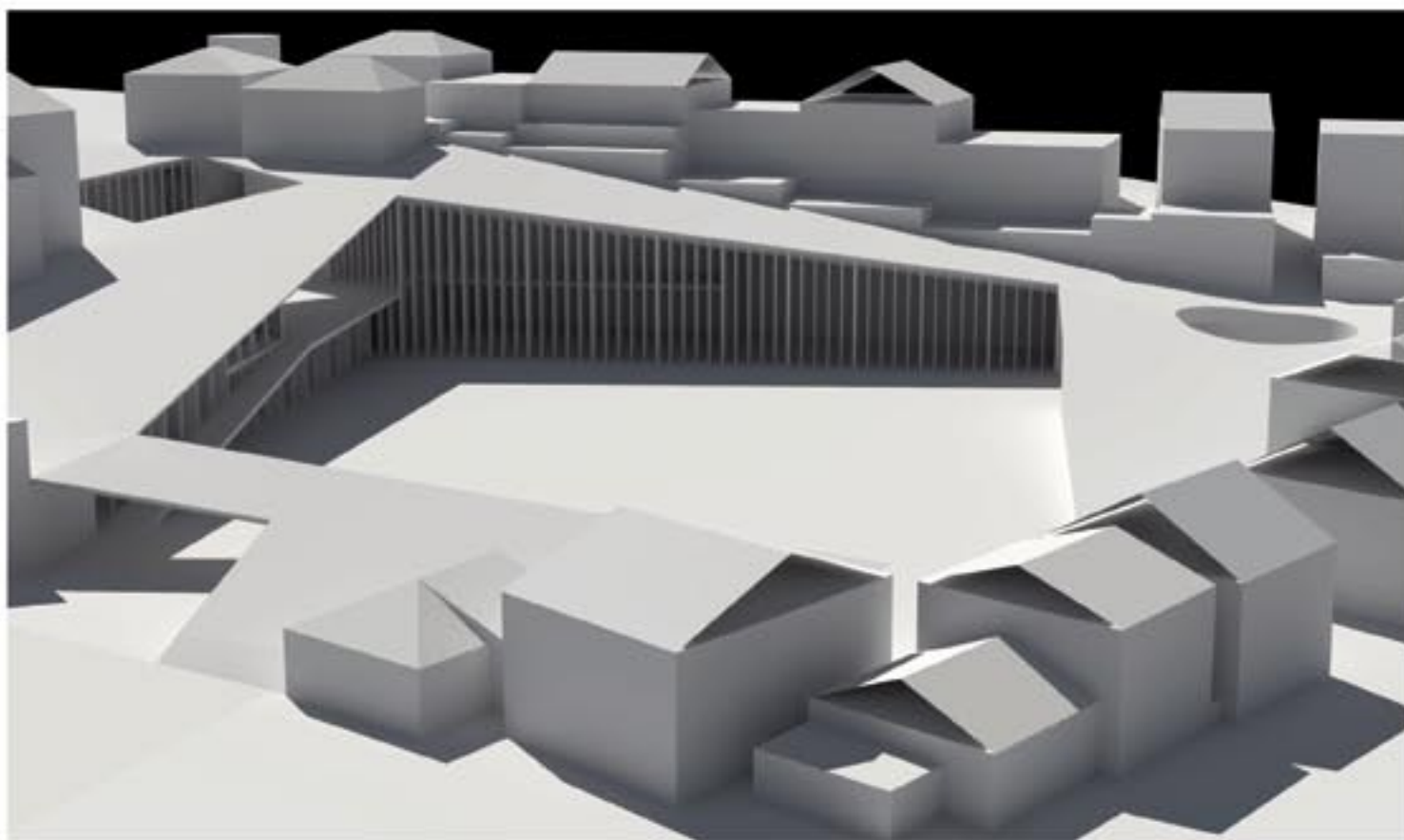
A ausência de espaço público de qualidade na Cova da Moura foi uma preocupação fulcral no desenvolvimento da estratégia de intervenção.

Assim, a maior intervenção foi desenvolvida a partir dessa óptica, com a proposta de um espaço configurado por uma forma racional que contrasta com a densa e espontânea malha da Cova da Moura.

A forma deste espaço é sugerida pela subtração do terreno onde se situa a escola primária actual e pela diferença de cotas, encimada pelo Moinho, sugerindo um plano diagonal formado pelo terreno, debaixo do qual se situa o edifício proposto.

O espaço público proposto sugere a sua descoberta ao longo das ruas que conduzem ao espaço onde se acumulam as sinergias das ruas e da vivência do bairro: a Praça.

Finalmente, propõe-se o deslocamento das instalações da escola primária para o edifício proposto, fornecendo condições para futuras ampliações, colmatando a falta de espaço da actual escola. A componente de dinamização socioeconómica, profissional e cultural é tida em conta através da proposta de inclusão de um centro comunitário, o qual contém espaços dedicados à realização de actividades de valorização profissional e de âmbito cultural.



MENÇÃO HONROSA

JOANA ALVAREZ

JOANA CRAVEIRO

JOÃO TIMÓTEO

MADALENA PEREIRA

SUSANA DIMAS

Universidade Autónoma de Lisboa

Coordenação: Pedro Campos Costa

Ao entrar na Cova da Moura deparamo-nos com uma nova realidade, observamos e convivemos directamente com uma nova cultura, diferentes tradições e variados costumes, com os quais normalmente não nos cruzamos na nossa vida quotidiana.

Sentir este impacto e observar as pessoas que habitam neste local, as suas condições e necessidades, incentiva-nos a pensar numa maneira de intervir. No meio de uma rede urbana em que coabitam 7000 pessoas, é possível identificar variados pontos de comércio, locais de dança, cozinha e arte, pontos estes que transmitem a cultura e a alma deste bairro – alma que através do projecto se pretende preservar.

Não pensamos numa reestruturação global do bairro, mas sim em intervenções cirúrgicas, em pontos que reflectem a história e a cultura.

O arranque do projecto incidiu sobre uma pergunta fulcral: a que problemas sociais e urbanos pode dar resposta a arquitectura? Foi com base nesta questão que nos debruçámos sobre a análise arquitectónica das construções da Cova da Moura, dividindo-as em devolutas, parcialmente devolutas e em mau estado (LNEC), identificando os pontos de maior fragilidade – pontos de intervenção – e definindo uma carta de oportunidades para a Cova da Moura. Estas intervenções distinguem-se tanto pelo seu conteúdo programático como pela sua inserção na malha urbana, inserção esta que se divide em três categorias: ponto esquina, ponto interstício e ponto rua.

Todos os pontos que propomos têm por base uma análise num raio de 100 metros (5 minutos a pé), ou seja, o programa da intervenção tem em atenção os equipamentos existentes nesse raio e as carências do local, de forma a supri-las.

Todos estes pontos da proposta são unidos por um percurso que define um eixo marcado no pavimento, que inclui luz, cor e sinalética.

Esta proposta de intervenção tem uma evolução temporal, uma vez que pressupõe a construção faseada dos programas, face ao nível de importância e de necessidade. A proposta pressupõe o baixo custo de construção, de maneira a que os habitantes da Cova da Moura possam não só executá-la, como também ampliá-la no futuro.

• PONTOS DE INTERVENÇÃO

PONTO 1 | 2 | 3 | 4
DESPORTO | SAÚDE |
CANTINA | ARTE



ESTÁ O QUARTO PROGRAMADO INTERVIR O PONTO 1 (CANTINA) E O PONTO 2 (DESPORTO) COMO PONTOS DE CONEXÃO NA REDE URBANA DO BARRIO.



PONTO 5 | 6
JARDIM



PONTO INTERMÉDIO: SUPRIR A NECESSIDADE DE UM ESPAÇO VERDE NA MALHA URBANA, PRESUPOR O TRATAMENTO DE SOLO PERMEÁVEL E ADEQUAÇÃO AOS USOS DE USO PÚBLICO E USO COMERCIAL. ADEQUAÇÃO AOS USOS DE USO PÚBLICO E USO COMERCIAL. ADEQUAÇÃO AOS USOS DE USO PÚBLICO E USO COMERCIAL. ADEQUAÇÃO AOS USOS DE USO PÚBLICO E USO COMERCIAL.

PONTO 7
INFANTIL



EXTENSÃO DO PONTO INTERMÉDIO. ESTE PONTO TEM COMO APOIO A POPULAÇÃO DE BAIXA IDADE DA COVA DA MOURA. OBRIGADO DE SEU USO, ADEQUAÇÃO AOS USOS DE USO PÚBLICO E USO COMERCIAL. ADEQUAÇÃO AOS USOS DE USO PÚBLICO E USO COMERCIAL. ADEQUAÇÃO AOS USOS DE USO PÚBLICO E USO COMERCIAL.

PONTO 8 | 9
COZINHA | MERCADO



CONSTITUÍDO COMO PONTO INTERMÉDIO, ESTE PONTO TEM COMO APOIO O SISTEMA DE TRÓPOLO COMERCIAL JÁ EXISTENTE NA COVA DA MOURA. REESTRUTURAR O SISTEMA COMERCIAL EXISTENTE, SEM COMO A DISTRIBUIÇÃO DOS PRODUTOS INTERIORES AO EXTERIOR. ADEQUAÇÃO AOS USOS DE USO PÚBLICO E USO COMERCIAL. ADEQUAÇÃO AOS USOS DE USO PÚBLICO E USO COMERCIAL. ADEQUAÇÃO AOS USOS DE USO PÚBLICO E USO COMERCIAL.



PONTO 10
PATRIMÓNIO



INTERVENIR EM PONTO RUAL, ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO E ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO. ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO E ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO. ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO E ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO. ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO E ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO.

PONTO 11 | 12 | 13
HORTA | ESTENDAL



PONTO RUAL INTERMÉDIO NO CONTEXTO URBANO, E ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO. ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO E ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO. ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO E ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO. ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO E ADEQUAR AO CONTEXTO URBANO.

PERCURSO



O PERCURSO REPRESENTA A ÚLTIMA ETAPA DA PROPOSTA, UMA LINHA NO PAVIMENTO QUE CONDUZ ÀS DISTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÃO. O PERCURSO REPRESENTA A ÚLTIMA ETAPA DA PROPOSTA, UMA LINHA NO PAVIMENTO QUE CONDUZ ÀS DISTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÃO. O PERCURSO REPRESENTA A ÚLTIMA ETAPA DA PROPOSTA, UMA LINHA NO PAVIMENTO QUE CONDUZ ÀS DISTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÃO.



MENÇÃO HONROSA

CAROLINA DÓRIA

HUGO GUIOMAR

JOSÉ SILVA

MARTA MENDONÇA

NUNO FAIA

RITA LOPES

Universidade Técnica de Lisboa / Instituto Superior de Agronomia

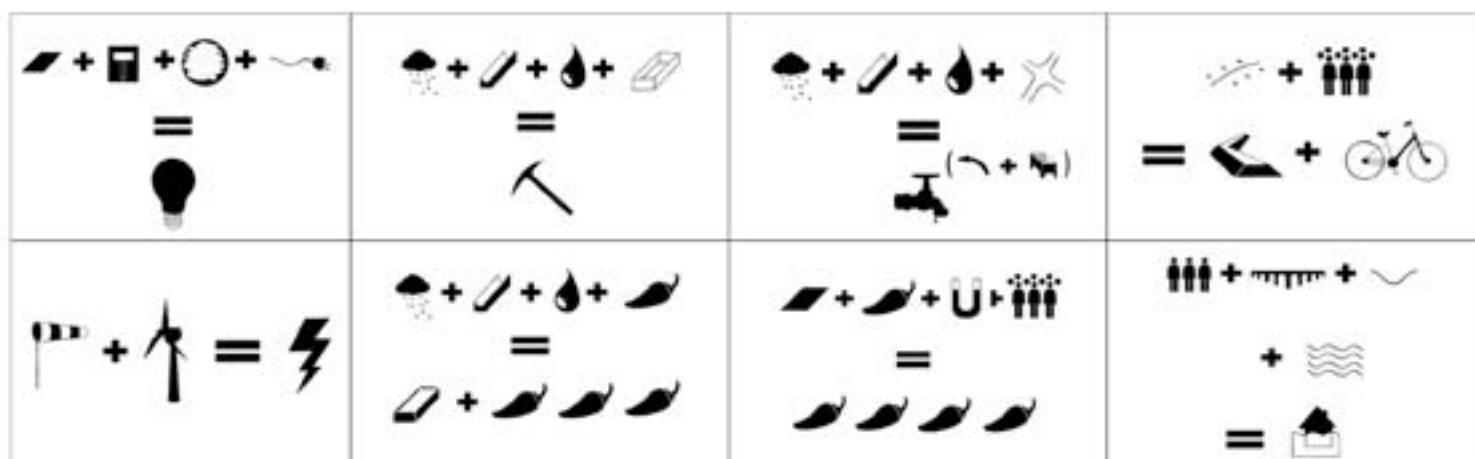
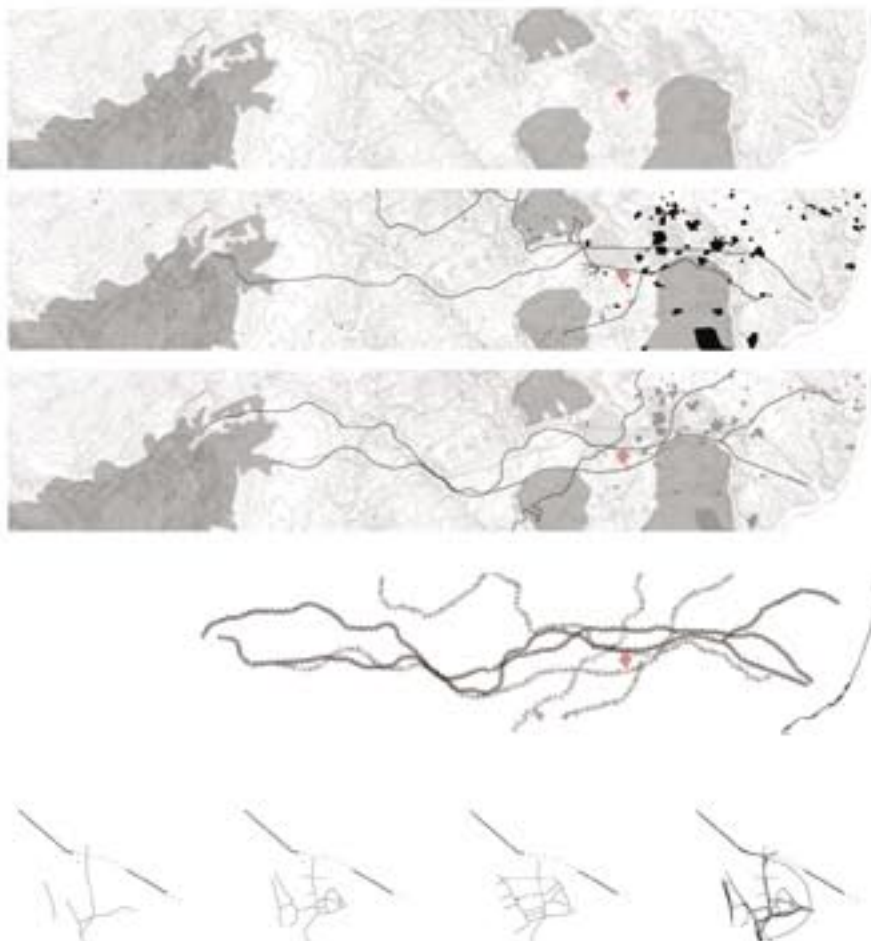
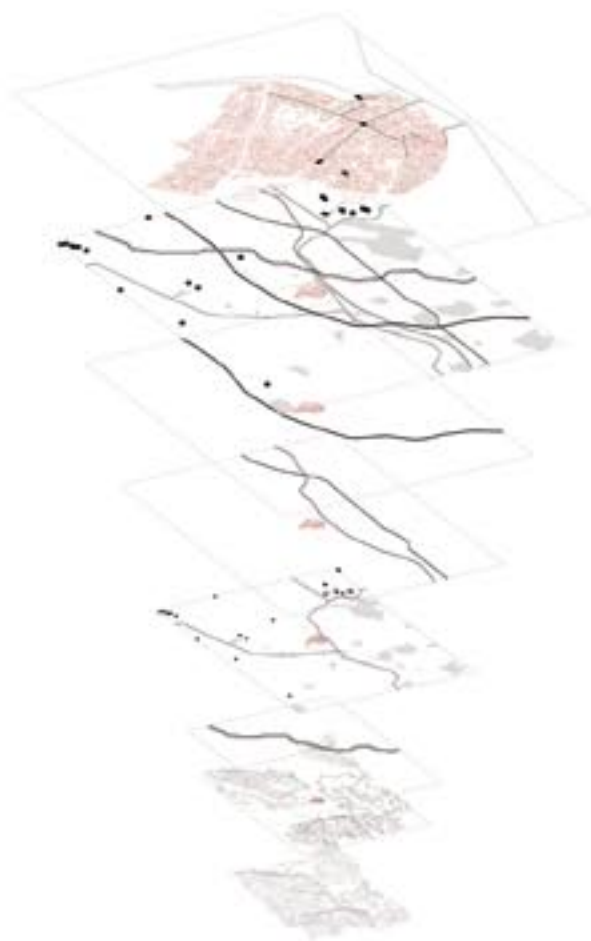
Coordenação: Teresa Alfaiate | Catarina Raposo

A paisagem, como tema vivo da produção arquitectónica contemporânea, contempla a interpretação paisagística, carregando consigo as próprias fundações da história da paisagem.

Afirma-se como uma construção visual de uma perspectiva do mundo, cujo intuito é recuperar, pela imagem, a identidade das manifestações naturais e

culturais de um contexto geográfico particular.

Intervir na Cova da Moura é pesquisar, analisar, interpretar, criar, desenhar... É redescobrir as identidades naturais e culturais, e revelá-las. É produzir compilações das memórias, para revelar a identidade desta comunidade... É pegar na história e contá-la... Assim, é na génese desta paisagem e da Cova da Moura que surge um sistema de pontuações e ligações ao longo dos tempos que permite ler e estruturar o próprio bairro, tanto de ordem antrópica como natural, e servem de base à proposta de intervenção. Na sequência, criam-se classificações para desmontar esta teia de informação que organizam os elementos antrópicos em espaços desactivados – desprezados, elementos apagados pelo tempo; corroborados – vivo, elementos que transportam o passado; mutantes – cicatrizado, elementos que foram transformados pelos tempos; e imaginados – imaginado elementos de hoje que trazem a memória; e os elementos naturais em espaços emersos – elementos naturais que determinam a ocupação humana.



PRÊMIO ATRIBUÍDO PELA COMISSÃO DE MORADORES DO BAIRRO DO ALTO DA COVA DA MOURA

ANDREIA AFONSO

CARLOS VINAGRE

FRANCISCO COSTA

SARA SILVA

PATRÍCIA NOGUEIRA

Escola de Arquitectura da Universidade do Minho

Coordenação: Ana Luísa Jardim Rodrigues

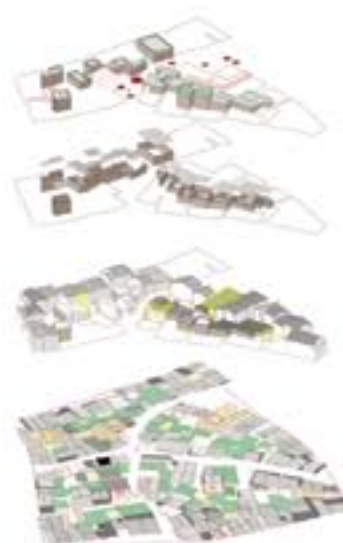
Nada senão retalhos... territórios retalhados, aos pedaços, levaram para longe os sonhos.

A limpeza das sucatas habitacionais com recurso à proliferação repetitiva de blocos de habitação social varreu consigo os contactos sociais e as relações de vizinhança. O ganho do protagonismo das infra-estruturas de larga escala no território esventrou unidades em partes, tomou a escala do homem para fazer a do automóvel, e ficaram bairros fechados em si mesmos, na sua paradoxal abertura de relação. Mas aquilo que não se varreu, ficou. E, resistindo

a esse impulso do território, permaneceu em cativo, fomentou sonhos e consolidou barreiras com a envolvente. Aqui, o tecido físico tem uma consequência estreita com o modo de habitar. Aqui, é a Cova da Moura.

As avenidas de fazer sonhos propõem um paradigma evolutivo que ultrapasse aquilo que é tido como limites inconciliáveis de modo que, redesenhando as ligações entre as unidades territoriais, se faça cidade. Querem vencer os efeitos túnel da macro-estrutura viária e estender longos jardins de cultivo espontâneos na paisagem, que se configuram como lugares de transacção de informação, actividades e pessoas, para o bairro e envolvente. Os boulevards avançam da Cova da Moura para os pontos de interesse, no encontro com a escala exterior, mantendo a integridade física do organismo.

Nesse sentido, a consolidação do bairro como [organismo] (e falando de sonhos) passa pelo estabelecimento de princípios de hierarquia mais ou menos legíveis na sua organização, desde a escala do bairro à da casa, orientados sobre a noção de unidade; tal como o perfazer do seu conjunto pela inserção da nova tipologia e a reorganização daquilo que pode ser tido pela memória colectiva do lugar, como um centro (lugar da escola) ou um ponto referencial (moinho).



A HOUSE IN LUANDA: PATIO AND PAVILION

(...)

Visitámos Luanda, mas ficámos com a sensação de ver só a ponta do icebergue. Só estivemos nas zonas centrais de Luanda mas vimos ao longe, umas vezes de cima, outras vezes só a partir da entrada, os musseques, os mercados e os espaços onde vivem milhões de pessoas e, curiosamente, apesar de todos os problemas sociais que atravessam a sociedade angolana, ficámos com a sensação de que a vida era feliz. Havia imensos miúdos – creio que a taxa de natalidade continua muito elevada –, e todos aqueles bairros nos transmitiam um sentimento de vitalidade e de alegria completamente incrível. Fundamentalmente, a ideia do concurso era criar condições para que aquela vida se normalizasse, para que passasse a ter infra-estruturas básicas e pontos de apoio que permitissem que a vida se desenrolasse de uma maneira criativa.

(...)

A definição do concurso, essa ideia de ter um espaço exterior, que nos põe em contacto com o céu, e um espaço coberto e fechado são um enunciado fantástico para esta possibilidade de construir casas em Luanda – onde o clima é razoável e onde nós podemos imaginar

que a vida se possa passar exactamente assim, entre o exterior e o interior, de uma maneira bastante intensa. O que procurámos com este concurso foi abrir perspectivas e possibilidades. Mais do que gerar imediatamente a construção de milhares de casas, trata-se de imaginar a possibilidade de uma reflexão profunda e que isso poderá permitir às próprias pessoas compreender melhor o problema da habitação, tentar encontrar soluções e resolvê-lo. Todo o conjunto de reflexões e de projectos que foi apresentado para este nosso concurso tem como resultado fundamental, penso eu, essa possibilidade de reflexão, essa possibilidade de abrir perspectivas e de esclarecer aquilo de que estamos a falar, isto é, da possibilidade de construir casas para uma população que precisa delas de uma maneira urgente num país riquíssimo com recursos muito variados. Já existem trabalhos muito interessantes sobre a inventariação e a redescoberta desses recursos. Agora é preciso pô-los em colisão positiva com aquilo que se for reflectindo, do ponto de vista espacial e arquitectónico, para que nos seja permitido imaginar que, no futuro, se vão construir casas interessantes, estética, social e funcionalmente ajustadas.

(...)

Creio que tudo deve ser feito com muito cuidado para deixar evoluir calmamente as ideias e para que, de entre todos os projectos que

apareceram e dos que foram seleccionados, possam surgir coisas verdadeiramente performantes e pertinentes. A problemática é dura, a possibilidade de realmente responder a esta procura é complexa, e há muitas maneiras diferentes de o fazer, umas mais apoiadas em sistemas mais tradicionais, quase de incorporação do trabalho das pessoas, como no projecto interessantíssimo do Alejandro Aravena para o México. Há maneiras mais industrializadas, de preferência sempre com a utilização de recursos que estejam disponíveis localmente e que sejam economicamente viáveis, mas tudo isto pode ser imaginado na prática de maneiras muito diversificadas, com resultados muito diferenciados e com uma grande variedade de possibilidades.

(...)

Tivemos realmente uma adesão maciça que resultou em 600 projectos, muito diferentes entre si, que correspondem a pressupostos culturais completamente distintos. No entanto, não podemos imaginar que a resposta está ali. A resposta há-de ser encontrada a partir daquele conjunto de projectos, de preferência a partir dos trinta que foram seleccionados para a exposição, mas nada está definido, ou seja, é quase impossível haver uma resposta genial e brilhante que dê imediatamente origem à construção de casas que vão espantar o mundo inteiro. Provavelmente, não é o que vai acontecer. A partir daquele conjunto de exemplos, temos que continuar a trabalhar, a reflectir, encontrar processos de viabilidade e tentar perceber como é que se pode avançar. Portanto, trata-se de um processo. E este é um momento feliz porque tivemos respostas muito interessantes e muito fortes, mas é um momento de um processo complexo até chegarmos a obter resultados mais consistentes.

(...)

Eu penso que o chamado gesto autoral do arquitecto pode não ter um sentido desligado da realidade, ou seja, pode corresponder exactamente à resolução de um dado problema de grande complexidade. E, se nós imaginarmos que o problema existe e tem contornos mais ou menos definidos – e que queremos encontrar uma maneira de gerar tecido urbano, de criar cidade com casas habitáveis, interessantes, que correspondam a uma sociedade que está a recompor-se, a renascer, a reconstruir-se –, começamos a ver que existe um caminho relativamente estreito. Esse caminho estreito é aquele que cada arquitecto vai percorrer para chegar a um resultado que, por ser autoral, não pode deixar de ser universal, e isso é que é importante. Quando se pensa em autoral em arquitectura, provavelmente vem-nos à cabeça um gesto inspirado do Gehry, ou algo do género, que corresponde a formas, imagens e processos de produção de construções e de arquitectura por uma via relativamente mediática e reconhecível de imediato. No entanto, a história da arquitectura não é só isso ou é provável que seja principalmente a descoberta de processos completamente pertinentes para responder a problemáticas muito fortes e ingentes. É curioso observar que, por exemplo em Portugal, o reflexo do movimento moderno criou um conjunto de vocábulos que depois permitiu aos produtores mais comerciais de habitação corrente a existência de projectos banais, durante anos e anos, que atafalharam os nossos subúrbios e as nossas cidades. Mas tudo isso deriva de processos de investigação e de desenvolvimento que, na sua origem, eram extraordinariamente correctos, racionais e inteligentes, e daí que depois também fossem apropriados por produções muito mais comerciais e práticas.

(...)

Eu penso que é fundamental que o projecto seja sempre encarado com

este sentido experimental que deu origem a projectos de investigação nas universidades, à reflexão sobre materiais, sobre sistemas produtivos, sobre a maneira como as casas, numa fase ainda de protótipo, são utilizadas – e tomar em conta a opinião das pessoas. Portanto, pode ser um ponto de partida e de referência extremamente interessante para que se desenrolem acções muito diversificadas de experimentação, de verificação e de discussão à volta do enorme manancial de possibilidades que foi criado.

(...)

Portanto, as cidades vão naturalmente densificar-se enormemente e nós temos que encontrar maneiras de criar processos de vida intensos, interessantes, nas cidades do futuro que são as cidades da densidade e da intensidade. Este processo é um processo de transição no qual se procura substituir um tecido que, naturalmente, cresceu e que tem até sinais de uma certa qualidade de vida, que são os musseques, por algo que não é muito diferente mas que ainda não é a solução definitiva para a cidade de Luanda no futuro. Essa Luanda do futuro vai certamente ser uma cidade muito densa, muito intensa, e nessa altura vai encontrar-se com outras cidades na América do Sul, na América do Norte, na Ásia, enfim, por todo o mundo onde as cidades crescem, se densificam e intensificam.

(...)

Se voltássemos ao princípio, acho que, em linhas gerais, se poderia manter o que fizemos. Talvez gostasse de envolver um pouco mais as escolas de arquitectura, os ministérios, as entidades locais e tentar que houvesse um tempo de preparação deste concurso que envolvesse mais pessoas a partir de Luanda e de Angola para que, quando se lançasse o concurso, houvesse já bases, se possível, ainda mais próximas da realidade. Não foi assim, mas também nos permite ter um leque de possibilidades muito mais aberto e lançar agora essa discussão e esse encontro que acho indispensável.

Um projecto radical (entrevista de Delfim Sardo a João Luís Carrilho da Graça) in catálogo Façamos de Casas: Concursos, Trienal de Arquitectura de Lisboa



JÚRI

Álvaro Siza Vieira (Presidente)

Ângela Mingas

Barry Bergdoll

Fernando Mello Franco

João Luís Carrilho da Graça

1º PRÉMIO

BÁRBARA SILVA
MADALENA MADUREIRA
PEDRO SOUSA (Coordenação)
TIAGO COELHO
TIAGO FERREIRA
(Portugal)

Construir uma casa é criar lugares de luz e de sombra, silêncio e ruído, relações e autonomia. É também definir uma transição entre o exterior e o interior, entre o colectivo e o individual.

Quando se pensa a casa como elemento determinante da cidade, é preciso pensar na casa como um lugar onde as pessoas habitam de acordo com o clima, a cultura e as necessidades.

Além disso, é preciso pensar na casa como elemento gerador de um crescimento urbano funcional, capaz de definir ruas, praças e também espaços de lazer.

O nosso objectivo seria criar uma arquitectura que englobasse diversidade e simplicidade, uma arquitectura que, quando habitada, tivesse a capacidade de criar a curiosidade que conduz à descoberta de uma série de lugares íntimos e

inesperados.

A construção é definida por seis pátios que estão relacionados com as diferentes funções de uma casa: cozinha e sala de estar, quartos e casa de banho. Estes seis pátios comunicam entre si através de um corredor central exterior protegido da chuva.

O resultado da nossa pesquisa define uma casa onde o interior tem uma relação permanente com o exterior, um exterior íntimo e protegido, onde cada membro da família pode ter privacidade e autonomia.

A riqueza e a diversidade da nossa proposta deverão assentar na riqueza da tipologia, do espaço e da luz, mais do que na riqueza ou diversidade de materiais. Por isso, escolhemos um único material para a construção: a taipa. Trata-se de um material barato e fácil de manusear que, quando associado a opções arquitectónicas que assegurem bons sistemas de ventilação transversais e boa protecção contra a luz do sol, assegura uma elevada capacidade térmica.

É importante definir uma disposição urbana que possa ser adaptada a diferentes etapas de crescimento e a diversos tipos de pessoas.

Também é importante definir uma planta urbana em que os espaços exteriores comuniquem com os seus habitantes e funcionem como extensões dos espaços privados.



2º PRÊMIO

CRISTINA PERES (Coordenação)

DIOGO AGUIAR

TERESA OTTO

TIAGO REBELO DE ANDRADE

(Portugal)

Esta casa, concebida para os subúrbios de Luanda, pretende ser parte da cidade e contribuir para a extensão do território, e é crítica em relação à ocupação dos arredores de Luanda que ocorreu nas últimas décadas, os chamados musseques. Determinou-se que o pavilhão seria o primeiro elemento da casa – um tecto para viver.

Tentámos criar uma residência modelo flexível e dinâmica, onde os arquitectos providenciam uma estrutura condicionante que será comple(men)tada pelos futuros habitantes de acordo com as suas necessidades.

O processo é elementar. São fornecidas as bases de infra-estrutura e de suporte para uma casa (pátio): o chão (em paletes modulares), o tecto de bambu

(laje), o pátio central, coração da casa, a cozinha, a casa de banho, alpendres de divisão e até um elemento em betão a marcar a fachada. Apesar de serem bastante flexíveis, as casas tentam estabelecer uma identidade comum, reforçada por todos estes elementos que enfatizam a noção de habitação social. Criou-se um modelo que oferece cinco possibilidades organizacionais (sem nunca exceder os 100 m² estabelecidos), dependendo da presença do segundo pátio. Este difere do principal na dimensão, pois será sempre uma zona com sombra. Este espaço pode assumir protagonismo numa futura expansão da casa, sendo ocupado com um módulo adicional.

A modulação da planta da casa permite que esta tenha dois a quatro quartos e diferentes dimensões para as áreas comuns. As casas também podem ser associadas, estabelecendo-se uma ligação entre elas de forma contínua com vista a uma solução evolutiva.

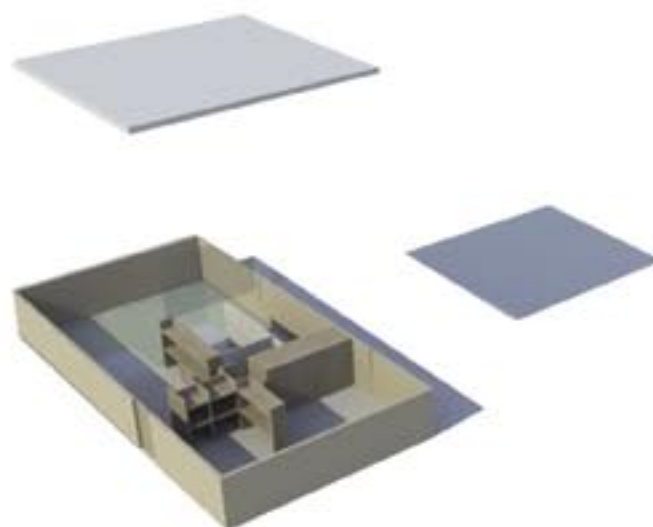
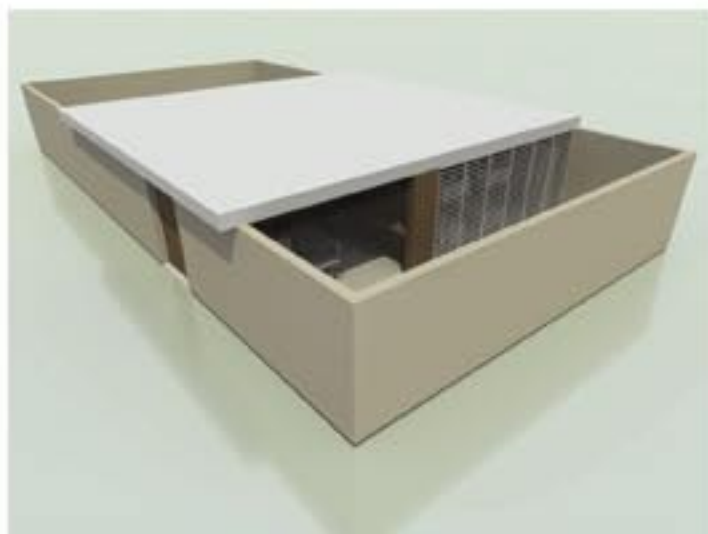
O ponto forte desta flexibilidade tem dois vectores: a escolha da disposição da casa e o dimensionamento de cada unidade da casa. Uma espécie de puzzle à volta do pátio central.



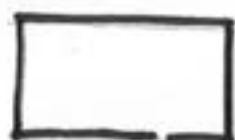
3º PRÉMIO
PABLO ALLEN VIZÁN
 (Espanha)

Se pensarmos nas necessidades básicas do ser humano como uma vista do céu, um pedaço de terra, privacidade, a presença da natureza e animais quando deles precisamos, como diz Peter Smithson, temos de desenvolver o espaço interior ao mesmo tempo que o exterior. Tem de ser barato, confortável e construído pelos próprios habitantes que vivem em Luanda, uma cidade que está a crescer e em transformação. A proposta consiste numa ferramenta básica de distribuição, com geometrias simples e elementos primários que deveriam permitir a possibilidade de evolução e autoconstrução. As experiências intensas vividas pelas pessoas de Luanda nas suas casas, onde começam e acabam as relações fundamentais de socialização. Assim, podemos gerir um mercado interno que é suportado em cada casa pelo pomar como ponto de partida. As casas não são apenas paredes e telhados.

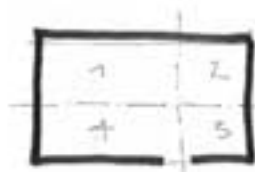
O objectivo é criar um modelo replicável que deveria construir um tecido urbano na cidade usando sistemas, práticas e materiais de fácil acesso. O sistema cruzado poderia ser uma ferramenta para ligar as casas e desenvolver uma rua, um quarteirão, um bairro. Com base numa geometria simples e materiais de fácil acesso, o objectivo é, pelo menos, conseguir um modelo de autoconstrução sem grandes custos de mão-de-obra. A proposta inclui paredes que dão privacidade aos utilizadores, mas que podem ser escolhidas por eles (madeira, tijolo, nada...). Jardins privados confundem-se com parques públicos. Um telhado apoiado nas partições da parcela de terreno e da casa oferece o espaço coberto da habitação. A sombra traça os limites da casa, mas estes não são visíveis, pelo que o espaço interior sai para lá dos limites da sombra e mistura-se com os pátios. E o espaço exterior entra em casa, transpondo também esses limites. O sistema de construção é concebido para desenvolver a autoconstrução.



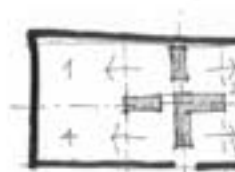
1 place



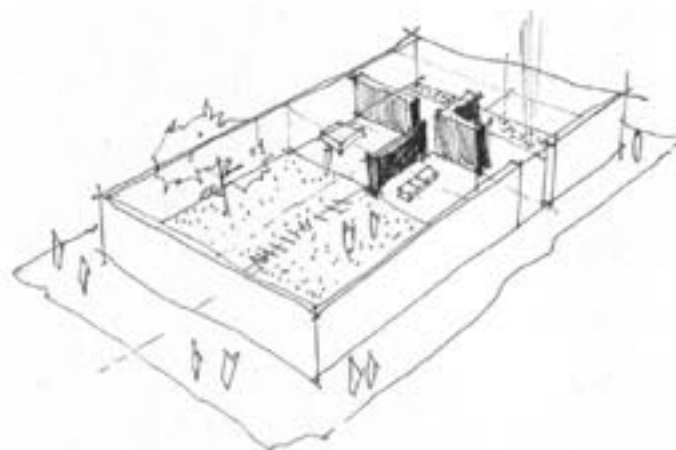
2 patio



3 clarification



4 assignment



spacial construction



working model

4º PRÉMIO

EDUARDO VIANA

FERNANDO REIS MARTINS

FILIPPE SÁENZ DE ZUMARÁN

JOÃO NAVAS (Coordenação)

JOÃO RIBEIRO DA FONSECA

LUÍS LEOCÁDIO

(Portugal)

As casa-pátio, com um ou dois pisos, possibilitam inúmeras variantes de uma mesma matriz tipológica. Propõem-se sistemas construtivos de fácil acesso e execução, adaptáveis às condições climáticas e aos diferentes modos de viver. A forma como as casas se agrupam é igualmente um factor-chave, porque o conjunto terá que resultar modelar em termos urbanísticos, de fácil e versátil adaptação e adequação à possibilidade de construir cidade, tomando em consideração a hipótese de cada casa poder albergar outros usos, como o comércio de rua ou pequenas oficinas.

Propõem-se unidades de 10 casas como uma medida razoável para se constituir num quarteirão, unidades estas que podem assumir formas variadas e

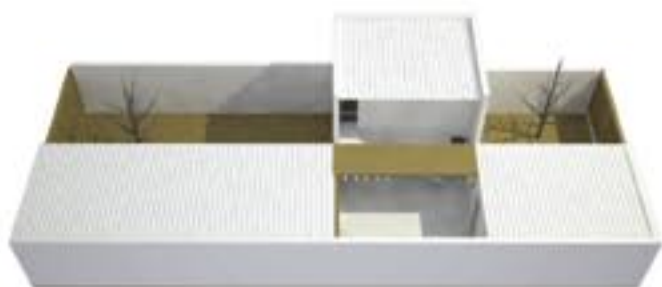
estabelecer relações diversas, proporcionando espaços públicos diversificados. Esta estrutura urbana fundamenta-se igualmente numa racionalização das redes de infra-estruturas.

A tipologia de habitação, núcleo central de qualquer tecido urbano, baseia-se na ideia de três pátios de diversas dimensões que permitem usos igualmente diversos, de carácter mais público ou mais privado.

A casa estrutura-se através de um corredor exterior, coberto, em espinha dorsal, que distribui para todos os espaços de habitação, ligando também todos os pátios. A casa desenvolve-se no comprimento do lote, abrindo-se para os pátios. Os materiais usados combinam-se de forma a constituir um sistema construtivo coerente.

Prevê-se a hipótese de crescimento evolutivo em altura, pelo que se propõe uma escada de acesso à cobertura inserida num espaço complementar com duplo pé-direito, que pode ser posteriormente dividido com a construção de um pavimento intermédio. Esta opção permitirá ao agregado familiar aumentar de sete para nove pessoas.

O objectivo que nos propusemos alcançar é uma casa privada que participa na realidade urbana, pensada no seu todo como uma proposta arquitectónica abrangente, independentemente do seu destinatário.



MENÇÃO HONROSA

CARLOS LINCE

JULIAN RESTREPO

MANUELA MOQUERA

MARIA BUENAHORA

PABLO FORERO (Coordenação)
(Colômbia)

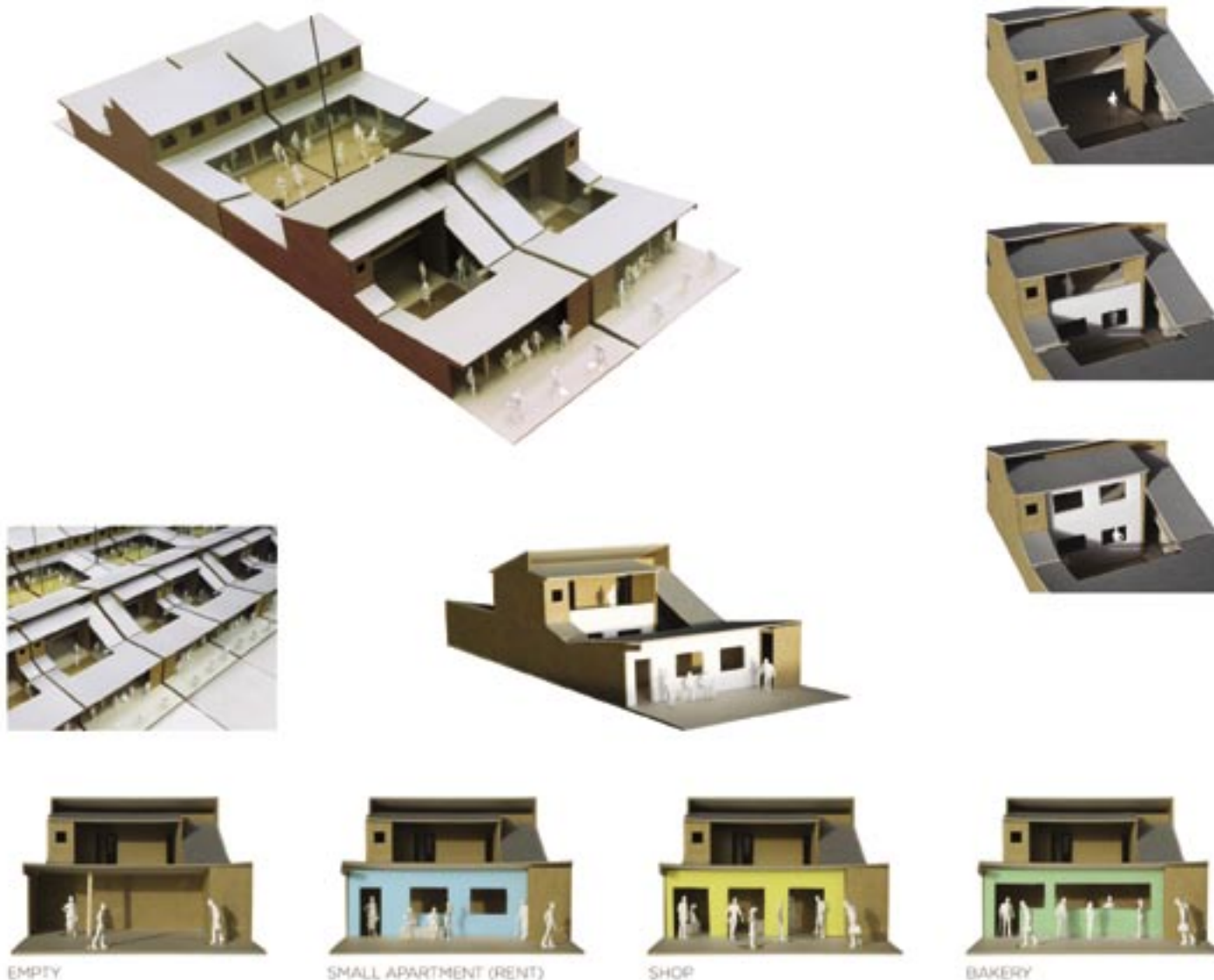
Como outros países em desenvolvimento, Luanda cresce desordenadamente cada vez com maior rapidez. A maioria da cidade informal é responsável pela estrutura urbana. Precisamos de soluções habitacionais urgentemente, mas como competimos com a cidade informal?

Como criamos um modelo de cidade desde uma única casa? Uma resposta relevante tem que ter os benefícios da construção popular e da arquitectura tradicional. A habitação tem a responsabilidade de separar o público do privado, mas mais importante é estimular o colectivo e reviver o público.

Temos que entender as complexas redes sociais e culturais que giram em

torno da sociedade angolana para atender às diversas escalas de actividades humanas. O público, o privado e o comunal são elementos chave no protótipo, eles representam a especificidade social, económica e cultural de Luanda. A casa é replicada em forma de espelho, criando assim uma cidade baixa de alta densidade: a rua, o pátio privado e o pátio comunal nascem. Esta replicação pode levar facilmente à perda da individualidade, é por isso que cada unidade familiar é uma entidade dinâmica única que permite a autoconstrução, a transformação e a personalização. O espaço produtivo e o pátio comunal são alternativas espaciais que permitem a sustentabilidade económica, enquanto os métodos construtivos tradicionais são complementados por soluções técnicas adequadas que dignificam o tecido urbano.

Pátio e pavilion são duas noções abstractas e opostas que foram resgatadas para responder a estes problemas. O pavilion é um espaço coberto que procura ser extrovertido, fortemente relacionado com o horizonte. O pátio é um espaço cerrado descoberto, fortemente relacionado com o céu. Estes princípios básicos governam o nosso projecto para uma casa em Luanda e têm provado ser essenciais para o nosso bem-estar.



EXPOSIÇÃO

Falemos de Casas: Projecto Cova da Moura

Comissário: Manuel Aires Mateus

A House in Luanda: Patio and Pavilion

Comissário: João Luís Carrilho da Graça

Museu da Electricidade, Lisboa

16.10.2010 - 16.01.2011

Curador Geral e Conceito: Delfim Sardo

Assistente Curatorial: Rita Palma

Assistente de Produção: Pedro Sadio

Projecto Expositivo: Cláudio Vilarinho, (Coordenação)

Ernesto Pereira, Filipe Lemos, Gil Soares, Paloma Ibarra (Colaboradores)

Design Gráfico: Teresa Seródio

Desenho de Luz: Paula Rainha